

Erros e acertos na sucessão presidencial

Newton Rodrigues *

Até há pouco o jogo presidencial parecia simples e até resolvido. A tática de Fernando Henrique, desde as primeiras semanas, foi a de encaminhar sua própria candidatura à permanência e criar condições de uma simples polarização, na qual seu contendor quase único seria Luís Inácio da Silva, o conhecido Lula, já duas vezes batido na disputa. Uma vez por Fernando Collor, azarão que por motivos várias vezes expostos, com ênfase para a fama de caçador de marajás e, sobretudo, de adversário dos cinco anos para Sarney (foi o único governador do PMDB a tomar tal atitude), e, outra, pelo próprio FHC, que o liquidou logo no primeiro turno, na esteira do sucesso do curto governo de Itamar Franco, que terminou sua administração com menos de 12% de julgamentos desfavoráveis ou neutros, e da perda de encantos de Lula, que, fundamental em nossa história recente como principal líder operário no período da ditadura, revelou-se incapaz de ampliar seu universo de alianças, embora, pessoalmente, tenha evoluído na capacidade de comunicação.

Esse jogo de armar desenvolvia-se com certa tranqüilidade, uma vez que a clássica sedução do poder, assegurada por métodos nem sempre confessáveis, funcionou a granel. Montado no cavalo de batalha do real e apoiado por combatentes agressivos ou malemolentes, conforme as necessidades, as almejadas reformas constitucionais tiveram curso, embora o gran-

de atraso verificado (pois FHC pretendia fazê-las em poucos meses de governo) e a mais desejada delas, por ele mesmo, a da reeleição, acabou passando, por larga votação na Câmara e esmagadoramente no Senado. A começar pretendeu-se restringir a ficada ao presidente, depois a ele e aos governadores e, finalmente, apesar de o mesmo FHC haver-se a princípio manifestado contra, aos prefeitos, que têm força real no Congresso. Não cabe discutir nestas linhas o mérito da empreitada, já várias vezes submetido a exame. O fato é que, em torno de si, o presidente da República reuniu partidos do centro liberal, com destaque para o PFL ("Fernando Henrique cumpre programa do PFL", diria seu líder Luís Eduardo, em junho do ano passado) e o PSDB, de que é principal quadro e fundador. Dos grandes, ou as-

O fato é que, em torno de si, FHC reuniu partidos do centro liberal, com destaque para o PFL e o PSDB

sim chamados, restavam o PPB de Maluf, que, depois de jurar que reeleição já era e que o presidente não teria na Câmara mais do que poucos votos, aderiu de corpo, embora não de alma, à empreitada.

De fora, pois, ao menos oficialmente, o PMDB, entretanto firme com o governo nas votações parlamentares, mesmo quando a convenção partidária determinava o contrário. Tinha, pois, o governo fartos motivos de rir à toa, mais ainda depois que incorporou à sua equipe alguns dirigentes destacados da sigla. O esquema parecia tão certo

e garantido que se tornaram comuns especulações de políticos oficialistas sobre quem será o sucessor do "segundo mandato" de FHC, algo um tanto supérfluo e fora de propósito em um país em que o imprevisível tem sido senhor

do sucesso, em inúmeros casos, como os mais recentes de Sarney, Collor e do próprio Fernando Henrique. O jogo armado era e é manter polarização FHC x Lula, deixando ao léu candidatos capazes de, em um segundo turno, receber o apoio na oposição não centrista e de parte da massa de eleitores independentes. O fecho dessa concepção estratégica é a adesão partidária do PMDB à candidatura de Fernando Henrique e a defenestração de

Paes de Andrade, segundo certos comentaristas, sem maior expressão partidária, embora haja cumprido vários mandatos parlamentares e seja ex-presidente da Câmara Federal e presidente do partido.

Aí é que a porca torce o rabo, como diria a boneca Emília, utilizando um ditado corrente. O lançamento da candidatura Itamar Franco, apoiado por José Sarney (entretanto disponível, se necessário), e a mobilização de lideranças como as de Orestes Quércia e Roberto Requião criaram um fato novo que não há como minimizar, principalmente em face de certas indicações do PSB e do PL e da candidatura de Ciro Gomes, surpreendentemente já assinalando 9 pontos nas pesquisas. Mais importante que isso tem sido a queda de popularidade presidencial, entretanto reversível, mas incômoda, especialmente neste momento.



Para quem já andou nos píncaros da popularidade, não foi confortável terminar o ano com 33 pontos ante 21 de Lula (Maluf 12, Itamar 11) ou com 33 ante 22 de Lula e 14 de Sarney, em outra figuração (FSP, 28/12/97). A ameaça parece mais forte quando se considera que só agora Itamar confirmou sua disposição de concorrer, refutando de plano qualquer versão de que aceitaria concorrer ao governo de Minas, isso depois de ter formado com Paes de Andrade, Sarney, Orestes Quércia e Requião, entre outros, por uma candidatura própria do PMDB.

O comparecimento ou não de Itamar à convenção partidária de 8 de março, quando o tema será discutido, permanece em dúvida, apesar de afirmativas em um sentido ou outro. Taticamente, o ex-presidente poderá preferir preservar-se, uma vez que, por lei, a decisão efetiva do partido só poderá ser na convenção de junho. Nesse caso, poupando-se, pelo menos por ora estaria, ou estará, à vontade para considerar menos importante o resultado da convenção, se ela optar pela adesão ao Planalto e, ao mesmo tempo, terá chance de comparecer se as correntes que o apóiam forem bastante significativas para levar a tese de candidato próprio à vitória. Coisas do bandoneon, como dizem os gaúchos. A hipótese Sarney, ainda viável, em certas circunstâncias, será igualmente perigosa para Fernando Henrique, ministro de um e líder parlamentar do outro. Até onde se pode vislumbrar por ora, o passeio eleitoral da reeleição está objetivamente cada vez mais difícil, embora seja pelo menos

temerário achar que Fernando Henrique deixou de ser o candidato mais forte.

Pelo retrospecto, as previsões asseguram que, se houver uma polarização FHC e Lula, o primeiro poderá vencer até no primeiro turno. Sem tal polarização, e com a presença ativa de um candidato de centro-esquerda, ou liberal de centro, capaz de aglutinar votos nas duas áreas, a vitória no primeiro turno será extremamente difícil. Mesmo a vitória de Fernando Henrique

na rodada inicial o colocará diante de duas variáveis: se o candidato adversário for Lula, provavelmente o petista sofrerá mais uma derrota; se, pelo contrário, o oponente for alguém como Itamar Franco, a maior parte da oposição de esquerda irá sufragá-lo, queiram ou não as suas direções partidárias. Para terminar, dois lembretes: a continuar o atual desempenho econômico, aumentando a grande massa de desempregados, o pêndulo acentuará suas oscilações; e os pleitos brasileiros, por mil e um motivos, têm muito o aspecto de grande catarse social punitiva, que derrota governos aparentemente indeslocáveis. Juscelino, Jânio e Collor são exemplos não muito distantes.

Desde 1930, só um presidente da República foi capaz de fazer seu sucessor pelo voto popular. Esse personagem é exatamente Itamar, que lançou FHC, a quem se dispõe enfrentar.

* Jornalista.

Desde 1930, só um presidente da República foi capaz de fazer seu sucessor pelo voto popular: Itamar